

## RESENHA

*Jonatas Miranda\**

PARRETT, Gary A.; KANG, S. Steve. **Teaching the Faith, Forming the Faithful: A Biblical Vision for Education in the Church**. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2009. 461 p.

Educação Cristã é uma área que precisa de muita atenção, sendo frequentemente negligenciada na igreja. Em determinado sentido existe uma preocupação em realizar educação cristã, mas em outro ela nunca é pensada de maneira ampla e integrada ao todo da igreja. Parrett e Kang mostram com cuidado a importância de um ministério bíblico de educação cristã como fundamento do desenvolvimento eclesial e têm como objetivo “contribuir para a discussão em curso e especialmente falar sobre áreas que às vezes parecem ser negligenciadas” (p. 18).

O livro contém 14 capítulos que são organizados no que os autores consideram ser as quatro áreas que compreendem o processo educacional na igreja: “Propósito” mostra em dois capítulos que há uma missão a ser cumprida; “Proclamação” apresenta a mensagem que deve ser entregue para ser obedecida e ensinada; “Pessoas” desenvolve uma perspectiva bíblica e relacional dos que ensinam e dos que aprendem, e “Práticas” apresenta de maneira prática estratégias para o ensino na igreja.

Na primeira seção – Propósito – temos dois capítulos que desenvolvem especificamente “a grande história” que é “o drama da redenção e da reconciliação”. Os autores estabelecem que compreender essa história “é crítico para o ensino e a formação na igreja” (p. 22). No primeiro capítulo é abordado o conceito prévio que lança fundamentos para que a pergunta “Por que a igreja

---

\* Doutorando em Ministério (D.Min.) pelo CPAJ/RTS; mestre em Divindade com ênfase em Aconselhamento Bíblico pelo CPAJ (2020); especialista em Aconselhamento Bíblico pelo NUTRA/ Núcleo de Treinamento e Aconselhamento (2017) e bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2012). Pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana Barra Funda, em São Paulo.

deve ensinar?” seja respondida com propriedade. Nesse capítulo, os autores respondem duas perguntas que na perspectiva apresentada são basilares para o entendimento do todo: “Por que a igreja existe?” e “Por que a igreja existe na terra, no espaço e no tempo?”. Respondendo a primeira pergunta à luz dos catecismos de Westminster, compreende-se que “nós, a igreja de Jesus Cristo, existimos para dar glória ao nosso soberano Rei” (p. 26). A partir dessa premissa, os autores desenvolvem o restante do capítulo respondendo a segunda pergunta: apresentam a história da redenção na perspectiva da Criação, Queda, Redenção e Consumação, e mostram a necessidade da encarnação do Verbo. Em seguida discorrem sobre a criação e a realidade da queda conforme o relato de Gênesis e argumentam que é “diante de toda inimizade e hostilidade que Deus começa a grande obra de reconciliar todas as coisas consigo mesmo” (p. 32).

Na segunda parte do primeiro capítulo, a partir da carta de Paulo aos Efésios os autores apresentam o conceito de *Poiema* como condutor para mostrar que a igreja foi “feita” por Deus e está edificada sobre a obra de Cristo como reconciliador, para que o povo pudesse estar diante do Senhor como igreja. Prosseguem fazendo um acróstico com a palavra *Poiema*: Para o Deus glorioso em graça, adoração; O corpo unificado em Cristo; Intercessão ao Deus gracioso; Exortação equipando e edificando o corpo; Maturidade por meio da plenitude do Espírito, e, por fim, Amor pelo combate espiritual. Cada um desses pontos é fundamentado em Efésios.

Depois de responderem as duas perguntas do primeiro capítulo, no capítulo dois os autores desenvolvem a fundamentação do engajamento na missão do ensino, chegando à conclusão de que a igreja existe para a glória de Deus. Eles justificam isso apresentando cinco motivos pelos quais a igreja deve se engajar na missão. São eles: em obediência e em direção aos outros; em conformidade com Cristo; para a salvação, entendida holisticamente; pautada na fé, esperança e amor; para a edificação do corpo (p. 58-59). Cada um desses tópicos é desenvolvido com uma excelente fundamentação bíblica. Encerram essa primeira seção mostrando que a nossa missão como povo de Deus no ensino é formar o cristão conformado a Cristo para que ele possa “andar nas boas obras da reconciliação que Deus preparou para nós” (p. 85).

A segunda seção trabalha a mensagem que será apresentada no ensino da igreja, dividida em três capítulos que visam responder à pergunta “O que é que estamos proclamando e ensinando para a igreja e como igreja?” (p. 112). No capítulo 3 temos o desenvolvimento do aspecto central da mensagem que deve ser proclamada, a fé. Os autores argumentam, usando dois textos bíblicos como exemplos (At 2.42ss e Hb 6.1-2), que não basta ter um sistema de ensino que apenas apresenta uma mudança de comportamento ou que apenas é usado como fundamento prático, mas que os “educadores devem estar comprometidos com o nutrir a fé pessoal daqueles que são ministrados, transmitindo a fé fielmente” (p. 104).

O capítulo 4 desenvolve o que é chamado de esboço da fé, apontando que o evangelho deve ser o fundamento para toda a nossa proclamação. O capítulo aborda os quatro componentes do esboço da fé, sendo eles: 1. O evangelho como de primeira importância, com base em 1 Coríntios 15.1-5; 2. A sã doutrina conforme ao evangelho; 3. Os benefícios que emergem do evangelho; 4. O modo de vida em conformidade com a sã doutrina (p. 117). Na segunda parte do capítulo é estabelecido um padrão para o ensino, compreendido no conteúdo da mensagem do evangelho que diz respeito a: 1. O que o cristão crê; 2. O comportamento do cristão; 3. O relacionamento vital com Deus que nos ajuda a superar o abismo tão comum entre crença e comportamento (p. 133-135). Esse padrão é mostrado na história e fundamentado biblicamente pelos autores. No capítulo 5 é apresentado um modelo de currículo em resposta ao conteúdo da mensagem do evangelho, ensinando a fé nas três dimensões: verdade, vida e caminho.

A terceira seção é focada nas pessoas, nos que ensinam e nos que aprendem, mostrando que o relacionamento interpessoal é um componente vital para o ministério de formação cristã. Essa seção trabalha esse aspecto em quatro capítulos. O capítulo 6 mostra a figura do professor, aquele que tem como função transmitir a mensagem a outros com fidelidade, alcançando o objetivo proposto pelo próprio Deus. Os autores começam discorrendo sobre o Antigo Testamento e mostrando que lá já existiam de maneira destacada aqueles que se dedicavam ao ensino, que contribuíam para que as pessoas pudessem discernir o caminho para Deus (p. 181-185). Citam passagens como Isaías 30.20-21, Salmo 32.8 e Deuteronômio 6.1-11. Seguindo o mesmo conceito, o Novo Testamento “apresenta muitos pontos de continuidade de ênfases do AT com relação aos professores. Por exemplo, afirma o princípio parental, priorizando a nutrir espiritual da criança” (p. 186). Outro ponto de continuidade apresentado é o mais maduro ensinando o mais novo. Os autores mostram que na igreja contemporânea há uma variedade daqueles que ensinam: pastores, pais, aqueles que se voluntariam e aqueles que são comissionados para a liderança de algum grupo. Todos eles devem receber orientação para que não percam o foco na adoração e na transmissão do conteúdo correto.

O capítulo 7 apresenta as atitudes e atributos que os professores devem nutrir à semelhança de Cristo. A lista apresentada tem 12 características divididas em seis pares que são relacionados ou complementares entre si:

O primeiro par é crença e chamado. O segundo é zelo e conhecimento. O terceiro é veracidade e gentileza. O quarto é humildade e parceria. O quinto é vulnerabilidade e sofrimento. O sexto par, que investigamos mais detalhadamente, é autoridade e escuta. Colocando todos estes atributos juntos, podemos resumir o todo dizendo que aqueles de nós que são chamados a ser professores do Evangelho procuram viver e ministrar de maneiras que estejam em harmonia com a verdade do Evangelho (p. 215-16).

Os atributos apresentados mostram que aqueles que ensinam devem humildemente se submeter ao senhorio de Cristo e moldar sua vida e prática ministerial a ele, à medida em que servem a igreja (p. 249).

Os capítulos 8 e 9 focam suas atenções nos que são ensinados e no que deve ser aprendido. No capítulo 8 os autores destacam como os teóricos da educação lidam com o processo de aprendizado, mostrando os principais argumentos e teorias usadas para entender a realidade daqueles que estão ouvindo o que será ensinado. Mostram ainda que o foco dos teóricos apresentados foi documentar o aprendizado e o desenvolvimento humano de uma maneira descritiva (p. 286). Já no capítulo 9 há uma interação e avaliação das teorias apresentadas no capítulo anterior a partir da perspectiva bíblica. Os autores defendem que o conteúdo deve moldar a maneira como ensinamos, mostrando que muitas vezes o foco está apenas na estrutura descritiva e não no conteúdo formativo (p. 317). Outro aspecto apresentado nesse capítulo é a importância de compreender que aquele que está aprendendo não é neutro e sem conhecimento, não deve ser ignorado por aquele que ensina.

A seção 4, dividida em 5 capítulos, tem como “objetivo completar uma proposta de currículo para o ensino e formação congregacional, já que já foram abordadas as questões de propósito, conteúdo e participantes” (p. 322). Os autores desenvolvem, nessa parte do livro, mostrando a natureza do ensino cristão, o chamado para desenvolver o amor e a fidelidade intergeracional, o papel da adoração comunitária no processo formativo e os compromissos que a igreja deve ter para a formação congregacional (p. 322).

O capítulo 10 apresenta a natureza do ensino cristão e mostra que a obediência é uma marca da natureza desse ensino. Apelando para o autor Parker Palmer, os autores usam a definição dele para conceituar a natureza do ensino que apresenta uma boa fundamentação bíblica. A definição de Palmer é: “Ensinar é criar um espaço onde se pratica a obediência à verdade” (p. 324). No decorrer do capítulo são apresentados os pontos centrais da natureza do ensino, como: buscar o equilíbrio entre o processo e o conteúdo, buscar obediência, saber que essa obediência vai moldar a mente e o coração. Entendem que a estrutura basilar do ensino é encontrada no relacionamento com Cristo (p. 365).

No capítulo 11 os autores defendem a importância de dar atenção ao ensino das crianças, mostrando que em muitos contextos os menores são tratados de maneira diferente. Eles colocam que “é uma tentação comum a muitos de nós que somos chamados para criar nossas crianças na fé: ao invés de oferecermos os feitos poderosos do Senhor em nosso favor, nós oferecemos uma lista do que se pode e do que não se pode fazer” (p. 380). Essa também é uma tentação comum no ensino de adultos (p. 381). Na contramão dessa tentação, devemos entender como as Escrituras nos ensinam sobre como agir com as crianças (p. 384), seguindo o exemplo de Cristo nesse cuidado. Ao invés de nutrir rituais que apontam para homens, a igreja deve se preocupar em apontar para Cristo (p. 393).

No capítulo 12 a adoração comunitária é apresentada como ferramenta essencial para o ensino da igreja. Os autores apontam que há três grandes tarefas a serem desenvolvidas na igreja: adoração, formação e proclamação (p. 406-408). Ao argumentarem sobre a relação entre a adoração e a formação cristã, eles afirmam que o próprio culto faz esse papel relacional, sendo ele mesmo um momento de adoração e estruturalmente formativo (p. 409-410).

Os autores apresentam textos do Novo Testamento para comprovar a mesma prática do Antigo Testamento quanto ao culto. Logo em seguida apresentam perguntas para avaliar as reuniões de adoração: “Nosso culto é saturado da Escritura?”; “Nosso culto é cristocêntrico?”; “Nosso culto é trinitário – explícita ou implicitamente?”; “Nosso culto promove a participação da pessoa como um todo na comunidade?”; “Nossa pregação é potente na perspectiva bíblica, anunciando o evangelho?”; “Nosso culto conscientemente nos conecta com a igreja como una, santa, católica e apostólica?” (p. 413-428). Essas e outras perguntas nos ajudam a entender a intencionalidade de aplicarmos o ensino no culto público.

Os dois últimos capítulos, 13 e 14, apresentam compromissos que devem pautar a construção de um currículo congregacional. São em número de sete: 1. A glória do evangelho acessível; 2. Batismo: preparação, confirmação e lembrança; 3. Comprometimento com o pacto comunitário; 4. Aprofundando e desenvolvendo o evangelho; 5. Engajamento no ministério da reconciliação; 6. Cuidado intencional do rebanho no evangelho; 7. Cultivar a graça com ponto central da igreja (p. 435-436). A conclusão mostra que o ensino é parte essencial da vida da igreja, pois nela como corpo conseguimos manifestar a beleza da glória da graça de Deus.

Embora esteja em inglês, esse livro é fundamental para quem está no ministério de ensino da igreja. Trata-se de um material que certamente deveria ser traduzido, podendo trazer muitos benefícios para a igreja brasileira e estabelecendo novos paradigmas para um cuidado integral do ensino da igreja. Se você lê o inglês, certamente deve ler esse livro.